



A presença de um artista-professor na sala de aula: considerações iniciais

Lislaine Sirsi Cansi¹

lislaine_c@yahoo.com.br

Universidade Federal de Pelotas - UFPel

Renata Azevedo Requião²

Universidade Federal de Pelotas - UFPel

Resumo: Em se tratando do vasto Campo das Artes Visuais, tem-se, entre o licenciado e o bacharel, como objeto comum, muitas vezes divergentemente interpretado, o “objeto estético” – tudo que é “produzido” pelo campo da Arte. Na sala de aula do ensino fundamental e médio, a abordagem a esse objeto se dá a partir das tensões entre a experiência pedagógica, a experiência da aquisição da teoria do campo e, menos frequentemente, a experiência artística. Quando o professor é também artista – sujeito em permanente liberdade, *responsável* em seu fazer poético –, o professor se depara com um conflito. Esse professor-artista é a um só tempo, no espaço escolar, sujeito atuante e refém de um sistema político-pedagógico, burocratizado. Pensar nessa aproximação capaz de alterar métodos cotidianos implica pensar na possível *reterritorialização* de um e de outro, já que se visa aqui ao artista-professor, sujeito que se instaura, em seu fazer e em seu pensar, através de questões, as quais apontariam para a presença cotidiana da *poética na docência*. Este texto trata da possibilidade de aproximação desses dois territórios, o individual e privado, habitado pelo artista, e o, coletivo e socializado, habitado pelo professor, a partir do conceito de “trabalho” proposto pela filósofa Hannah Arendt.

Palavras-chave: Artista-professor; trabalho; territorialização.

Pensamentos teóricos em territórios adversos, pensamentos quaisquer em territórios adversos, pensamentos criadores em territórios adversos. E em espaços *adversos* inundados pelos *versos*. Ou seja, pensamentos que se dão pelo deslocamento e por influência daquilo que ficou do *outro* lugar onde, talvez, aquele dado pensamento fosse mais adequado, se desse com maior pertença, fosse mais facilmente reconhecido. Quando o profissional do campo das Artes opta, ou se vê determinado a cumprir seu percurso, por dois caminhos cujos trilhos não são

¹ Possui graduação em Artes Visuais: Desenho e Plástica - Bacharelado (2004) pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), graduação em Artes Visuais: Desenho e Plástica - Licenciatura (2006) pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e especialização em Artes Visuais - Cultura e Criação (2013) pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC). Mestranda em Artes Visuais, Linha 1 - Ensino da Arte e Educação Estética pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel),

² Possui graduação em Arquitetura e Urbanismo e em Licenciatura em Letras, ambos pela UFPel. Mestrado em Literatura Brasileira, sobre a poesia de João Cabral de Melo Neto (1997), Doutorado em Literatura Comparada, com tese sobre dez poéticas da contemporaneidade brasileira, intitulada *Estesias* (2002), ambos na UFRGS. Realizou Estágio Pós-doutoral na UFSC, sobre a voz poética e o “lugar”, na poesia brasileira contemporânea (2010). É professora na UFPel, desde 1991; pesquisadora e orientadora, atuando no PPG – Artes Visuais, desde sua recente criação em 2012. Atua nos cursos de Antropologia, Arquitetura e Urbanismo, Jornalismo, e em cursos de Letras, na mesma Universidade.



coincidentes (sendo muitas vezes divergentes), esse profissional se depara com tensões bem pouco produtivas, inúteis, impeditivas.

O profissional das Artes, formado pela Licenciatura ou pelo Bacharelado em Artes Visuais (é apenas a questões atinentes a “terminalidade” das artes visuais que trataremos neste texto, reconhecendo, entretanto, a expansão das fronteiras por entre as artes, sua integração, bem como as problemáticas comuns por entre elas!), terá como objeto de frequência e frequentação, “objeto estético” por excelência. Objeto provocador, objeto deslocador, objeto cujo envolvimento exige que o sujeito se movimente, se comova com ele, se *mová frente à experiência com ele* (se trata aqui de considerar relações proporcionadas pelo par da cognição sujeito/objeto). Entretanto, suas duas formações possíveis apontam para formas de relacionamento com esse mesmo objeto muito díspares, formas quase disjuntivas. Os professores licenciados em Artes Visuais, em sua prática escolar, ainda são reféns de um paradigma marcado pela recepção, pautado pelo pensamento historicista, baseado em leituras críticas voltadas ao cânone das Artes Visuais. Nas ainda poucas experiências mais arejadas (nosso horizonte aqui é cultura educacional brasileira), há uma grande ênfase para a produção das crianças a partir do estímulo no contato com as artes visuais. Já o artista visual, o bacharel em Artes Visuais, na contemporaneidade, desenvolve sua poética visual, a qual é resultado de um sem fim de enfrentamentos desse sujeito, profundamente complexo com o mundo, com as materialidades, técnicas e possibilidades.

O que aqui se tenta abordar parte, de um lado, da “experiência pedagógica”, do cotidiano real de professores de Arte, no espaço sempre imprevisível do mundo escolar, “experiência” subsumida na burocracia e nas exigências dessa burocracia; de outro, de um segundo tipo de “experiência”, aquela permitida pelo encontro com o pensamento teórico e com a reflexão sobre o Campo das Artes. De outro lado, considera-se aqui a “experiência artística”, aquela “experiência” inerente ao cotidiano do artista, pautada por seus saberes, percepções e intuições, sua invenção de mundo envolvido em seus objetos.

Para a discussão aqui apresentada, este parece ser, das três experiências abordadas, a que mais tenciona às outras duas. Há, nessas considerações, o



reconhecimento da força política das atividades envolvidas e permitidas pelo alargado campo das Artes Visuais. Reconhecimento das possibilidades e da responsabilidade que tal campo, na contemporaneidade, momento de produções e de recepção cognitiva marcadamente visual, pressupõe.

A passagem do trefismo tumultuado, comum e constitutivo do espaço escolar, ao pensamento reflexivo sobre Arte/Educação, encontrado na universidade (Programas de Pós Graduação), traz para o debate questões de ordem investigativa diferentes daquelas propiciadas pela experiência prática, pensadas a partir da rica realidade escolar, do professor que atuante na rede fica restrito a responder ao imediato dessa realidade. Isso considerado, é através de certo percurso de *desterritorialização* e visando certa *reterritorialização* que este texto se faz.

Na intensa experiência de professor de Arte, se pode pensar sobre a atuação em sala de aula e também sobre as fundamentais relações entre os educadores, os alunos e a imposição dos conteúdos programáticos, percebe-se assim o descompasso entre escola e a complexidade da vida real. Já no contato pessoal mais direto com a arte, seja através do pensamento crítico, seja envolvido pelos processos de criação artística, o professor de artes, o artista em formação, o jovem pesquisador em artes, se depara com outro tipo de questões, questões que se colocam sem a mediação de discursos que reduzem, de uma forma ou de outra, a experiência com a arte.

Muitos são os discursos que permitem aproximar as práticas escolares da experiência plural da vida em seu puro presente, ainda que ainda hoje a relação entre discurso acadêmico (*locus* do saber) e discurso pedagógico (*locus* da prática) e discurso vital se encontre entre fissuras. No recente seminário nacional V COMA, Coletivo da Pós-Graduação em Arte da Universidade de Brasília (UnB), neste ano de 2014, a professora Eunice Soriano Alencar discorreu sobre o tema “processos criativos”. Alencar (2014) afirmou ser a criatividade um “fenômeno complexo, multidimensional e pluri-determinado”. A partir dessa percepção ela reconhece a importância de se priorizar no processo formativo, e compostamente, fatores referentes à pessoa, ao produto, ao processo e ao ambiente.



Assim, no processo criativo voltado à reflexão ou durante o fazer poético, o potencial cognitivo do sujeito, bem como sua experiência e características de sua personalidade, o produto em si, como e com o que será construído esse produto e fatores internos/externos relacionados ao espaço em que o sujeito está inserido, são elementos considerados significativamente influenciáveis.

Nesse sentido, pensando na pesquisa como processo, processo necessariamente criativo, exclusivamente pelo pensamento reflexivo e pelo desvio no outro, pensei como professora e também como artista e, a partir disso, adentrei ao território do artista-professor.

O artista é um tipo de sujeito responsável pelo seu “fazer poético”, processo no qual constrói e produz sua arte, sem submissão ao mercado, mas tendo consciência dele (afora o sistema de rede presente na contemporaneidade, como destaca a filósofa Cauquelin, 2005). Considerando nesse processo, segundo Requião (2014), seu “pequeno território”, local em que o artista se sente em paz para poder traduzir suas experiências e compreensões em materialidade, é dali, desse território sempre estrangeiro, que ele se vincula ao mundo social, mundo de coletividades.

O professor é o sujeito que media conhecimentos em/sobre arte em seu “fazer docente”. Martins, In Barbosa (2012, p. 60), afirma que “uma mediação sempre será a articulação entre as histórias pessoais e coletivas dos aprendizes de Arte, enredada na teia sócio-histórico cultural da humanidade nessa área de conhecimento”. Assim, ao professor caberia oportunizar em sua prática pedagógica, possibilidades de associação entre questões do campo da arte e da vida, oferecendo ao aluno autonomia em suas reflexões e percepção das coisas do mundo, através dos objetos produzidos pela Arte. Silva (2009), aproveitando reflexões de Merleau-Ponty, afirma que seu pensamento filosófico se faz colado ao mundo e aos elementos que instigam novas relações de conhecimento, propondo que a pergunta filosófica seja necessariamente e apenas do próprio sujeito, frente ao que ele, e apenas ele, quer conhecer de si e do próprio mundo.

A partir do conceito de “escrita de si” (LOPONTE, 2005), novas imbricações permitem constituir um pensamento sobre a *poética na docência* – e não sobre a poética da docência. Alguns cruzamentos sobre essa temática foram percebidos nas



pesquisas de Almeida (1992), a qual discorre sobre a atuação do artista como professor universitário; Loponte (2005), propondo a “docência artista”, como modo de ser docente para pensar o ensino da arte; Born (2012), analisando a docência de professoras que também são artistas; e Forte (2013), avaliando, a partir da criação poética, a formação dos licenciados em Artes Visuais, na Universidade Federal de Goiânia (UFG).

A partir dessas pesquisas, algumas questões emergem aqui, de forma a propositivamente aproximar o campo da criação poética, no qual o *artista é o rei*, ao da mediação em sala de aula, no qual o *professor é o vassalo*: como o artista-professor pode introduzir suas questões e aliar os conteúdos programáticos a serem necessariamente desenvolvidos, desde o lugar no qual sua prática o coloca? De que forma e em que aspectos sua prática poética melhor o habilita ao trabalho com os alunos? Reconhecendo sua prática poética, emerge uma nova abordagem da Arte como um todo?

Considerando tais questões, propõe-se a aproximação entre os territórios, talvez tradicionalmente, vivenciados pelo artista e pelo professor, através do conceito de “trabalho”, proposto pela pensadora e teórica, a filósofa Hanna Arendt em texto intitulado *A Vita Activa* e a *Condição Humana* (2007), no qual divide a expressão “*Vita Activa*”, em três atividades fundamentais relacionando-as à condição humana: *labor*, trabalho e ação.

Arendt (2007, p. 15), afirmando que a condição humana é a própria vida, diz que o *labor* é “a atividade que corresponde ao processo biológico do homem” e que o trabalho concerne ao “artificialismo da existência humana”, sendo sua condição a mundanidade. Compreendo o “artificialismo” aqui como o oposto de tudo que é relacionado à natureza. Já, a ação é a “única atividade que se exerce diretamente entre os homens sem a mediação das coisas ou da matéria, corresponde à condição humana da pluralidade”.

Assim, *labor* seria a atividade em que o fazer manual se torna essencial para suprir as necessidades vitais do homem e garantir a vida da espécie. O trabalho corresponderia a *poiesis*, à produção arquitetada pelo homem para dar sentido a sua vida, percebida num tempo efêmero em relação à durabilidade das coisas do mundo.



Já, a ação se exerceria considerando ao outro, a pluralidade de vozes capaz de agregar valor às ideias, criando, segundo Arendt (2007, p. 16) “a condição para a lembrança, para a história”.

Compreendendo a *poiesis* como fazer, e entendendo que esse fazer implica numa ação responsável, que nos torna mais conscientes de nós mesmos e do mundo no qual vivemos e ao qual, sendo professores, pretendemos influenciar, parece coerente aceitarmos que tanto a produção artística quanto a produção intelectualmente oriunda desse fazer artístico, que carrega consigo um certo pensamento, podem fundamentar a abordagem do professor em sua prática pedagógica. Assim, o processo criativo do artista, aquele que promove uma determinada experiência que só do dito processo pode advir, se colocaria como base fundamental para a prática docente na escola. Tal prática docente teria como motor maior questões, percepções, possibilidades, enfrentamentos, advindos dos modos da *poiesis* do artista...

Se aceitamos que, na contemporaneidade mais que em outros tempos, a Arte é um meio essencial para pensar a *poiesis*, atrelada ao campo da Arte e à vida comum, caberia ao professor de Artes Visuais propor a seus jovens alunos pensar e agir com liberdade e responsabilidade. A artista, professora e autora Canton (2009, p. 49) diz que a Arte Contemporânea “se materializa a partir de uma negociação constante entre arte e vida, vida e arte”, aproximando cultura, economia, política, educação, meio ambiente, afetividade.

“Artistas contemporâneos buscam sentidos” diz Canton (2009, p. 35). Buscam sentidos incessantemente, poderíamos adverbial. Toda obra para ser considerada obra contemporânea (fulcrada nos modos de seu tempo, distinta de modos prescritivos aos quais as vanguardas se opuseram) é obra movida pela busca de sentidos, pela expressão de um artista em busca de uma linguagem na qual ele possa se “comunicar”. Arte de difícil acesso porque arte sem fôrma.

É, aqui, considerado o silêncio do “espectador” frente à obra contemporânea, silêncio oriundo do estranhamento, de certa incomunicabilidade entre obra e “espectador”, que se reforçam as potências dessa figura, ainda por descobrir seu território, do artista-professor (ou melhor: professor-artista), no espaço escolar. Trata-



se mesmo de pensar na possibilidade de uma educação que passa pelo olhar (os objetos estéticos com os quais nos envolvemos são das artes visuais!) entretanto reconhecendo as possibilidades cognitivas resguardadas pelo corpo de cada “aluno”...

Através de sentidos intersticiais, a arte contemporânea aponta, sutil, para aspectos da realidade, tanto para as pequenezas quanto para as grandezas da vida, através de inusitados pontos de vista. Ao público, espectador, observador, produtor de sentidos, *leitor*, fica a tarefa de aprender a vê-la, a percebê-la, a pensar com ela e a falar a partir dela. O artista-professor, duplamente reassumido como sujeito (o artista e o professor, mas desta vez o artista sobredeterminando ao professor) liberaria o estudante para entrar em contato, livremente, com os objetos de arte, entrar em contato criando, experimentando e refletindo criticamente sobre esse aproximação, e sobre seu mundo e o mundo ao redor.

Esse estudante, aluno do artista professor, seria um pequeno aprendiz de liberdades: da mesma maneira que o artista atua em suas criações, o estudante encontraria sua própria voz, na expressão de suas percepções e sensações frente a tais objetos estéticos e ao mundo.

Referências

ARENDDT, Hannah. *A condição humana*. 10 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

ALENCAR, Eunice Soriano. *Seminário V COMA* - Coletivo da Pós-Graduação em Arte. Universidade de Brasília - UnB, 2014.

ALMEIDA, Célia Maria de Castro. *O trabalho do artista plástico na instituição de Ensino Superior: razões e paixões do artista-professor*. 1992. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual de Campinas.

BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, arte e política - Ensaio sobre literatura e história da cultura. Obras escolhidas*, vol. 1. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BORN, Patriciane Teresinha. *Entre a docência e o fazer artístico: formação e atuação coletiva de professoras artistas*. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação) –



Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

CANTON, Katia. *Do Moderno ao Contemporâneo*. Coleção: Temas da Arte Contemporânea. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

_____. *Brasil, olhar de artista*. São Paulo: DCL, 2001.

_____. *Espelho de artista*. São Paulo: Cosac & Naify, 2001.

_____. *Mesa de artista*. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

CAUQUELIN, Anne. *Arte Contemporânea: uma introdução*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

FORTE, Marcelo. *Atravessando territórios: fazendo-se docente-artista no processo de formação*. 2013. Dissertação (Mestrado em Arte e Cultura Visual) – Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual, Universidade Federal de Goiás.

LOPONTE, Luciana Gruppelli. *Docência artista: arte, estética de si e subjetividades femininas*. 2005. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

MARTINS, Mirian Celeste. *Conceitos e Terminologia - aquecendo uma transformação: atitudes e valores no ensino de Arte*. In BARBOSA, Ana Mae. *Inquietações e mudanças no Ensino da Arte*. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

REQUIÃO, Renata Azevedo. *Disciplina: Percursos, narrativas, descrições: mapas poéticos*, Mestrado em Artes Visuais, UFPel, 01/2014.

SILVA, Ursula Rosa da. *A infância do sentido: aportes para o ensino de filosofia a partir de uma racionalidade estética*. 2009. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade Federal de Pelotas.